



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

16769 - Resumo Expandido - Trabalho - XXVII Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste – Reunião Científica Regional – ANPEd Nordeste (2024)

ISSN: 2595-7945

GT15 - Educação Especial

**AUTISMO E INTERSECCIONALIDADE NO CONTEXTO DO ENSINO SUPERIOR:  
REFLEXÕES DE UM TRABALHO COLABORATIVO**

Giovanna Santos da Silva - UFS - Universidade Federal de Sergipe

Lucas Wendel Silva Santos - UFS - Universidade Federal de Sergipe

Rosana Carla do Nascimento Givigi - UFS - Universidade Federal de Sergipe

Agência e/ou Instituição Financiadora: CNPq

## **AUTISMO E INTERSECCIONALIDADE NO CONTEXTO DO ENSINO SUPERIOR: REFLEXÕES DE UM TRABALHO COLABORATIVO**

---

### **1 INTRODUÇÃO**

No Brasil, a Educação Especial se constitui como uma importante modalidade para nortear os aspectos relacionados à inclusão educacional de pessoas com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento – atualmente, com a nomenclatura de Transtorno do Espectro Autista – e altas habilidades, como previsto na Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (PNEEPEI) (Brasil, 2008). Mesmo sendo o acesso à Educação um direito de todos, historicamente, essas pessoas enfrentam diversos desafios para participarem não só das instituições de ensino, mas da sociedade.

Neste estudo, focamos no contexto do autismo. Nomeado oficialmente como Transtorno do Espectro Autista (TEA), o autismo é uma condição do neurodesenvolvimento que abrange características e dificuldades em relação aos aspectos sociocomunicativos, e a padrões restritivos e repetitivos de comportamento (APA, 2014). O espectro faz surgir uma grande diversidade entre

peessoas com autismo, além da variabilidade nos níveis de suporte.

Quando falamos da inclusão dessas pessoas nas instituições educacionais, reverberam muitos embates. A busca pela “normalidade” a partir de práticas disciplinadoras ainda são muito comuns nesses espaços (Laplane, 2018). Por isso, muitas práticas educacionais nos dias de hoje ainda recaem sobre um afastamento do modelo social de deficiência. Lidar com a inclusão a partir de uma responsabilidade coletiva de toda a sociedade, reflete pensar também nos modos como os aspectos de raça, etnia, gênero e classe social estão interligados aos modos e histórias de vida das pessoas com deficiência.

No Ensino Superior, jovens e adultos com autismo têm direito ao acesso às universidades por meio das Políticas de Ações Afirmativas (Brasil, 2016). A garantia da reserva de vagas contribui para que essas pessoas adentrem essas instituições, e sejam inseridas nesses espaços. Entretanto, a produção científica no campo da Educação Especial tem apontado muitos desafios no que se refere à permanência dos alunos com autismo no Ensino Superior. Dentre elas, podemos destacar a falta de acessibilidade, ausência de suportes didáticos, falta de capacitação dos profissionais do Ensino Superior e dificuldades no diálogo com professores e colegas de turma (Cruz; Santos; Silva, 2024).

A partir desse contexto, estudos atuais discutem acerca da importância da interseccionalidade nas pesquisas com esse público, no contexto da Educação Especial (Freitas; Santos, 2021; Horta; Saraiva; Torres, 2023). Pensar uma educação inclusiva requer o afastamento do pensamento hegemônico, tendo em vista a compreensão da diversidade das diferentes realidades, onde as disputas de poder e de resistência entre diferentes grupos sociais são recorrentes (Horta; Saraiva; Torres, 2023).

A concepção de interseccionalidade no âmbito da deficiência parte da ideia de que, como diz (Freitas; Santos, 2021, p. 3), “[...] os corpos dessas pessoas são inseparáveis de suas dimensões socioculturais, em cujo sentido encontramos camadas sobrepostas de complexidade em que se materializam também questões de gênero, raça, etnia e classe social”. Portanto, não há como afastar a deficiência desses outros grupos sociais, já que os desafios no âmbito da inclusão não partem apenas da deficiência em si. Dessa forma, reconhecer os processos em que essas intersecções se constituem dentro do contexto educacional contribui para uma aproximação de uma educação inclusiva que se afaste dos diversos enquadramentos gerados desde a Educação Básica até a Educação Superior para esse público.

Além disso, no contexto de alunos com autismo no Ensino Superior, o desenvolvimento de trabalhos colaborativos, especialmente grupos de suporte, são

estratégias que podem auxiliar na inclusão dessas pessoas na universidade (Sarmet et al., 2022). Diante do exposto, problematizamos a seguinte questão: quais são as práticas colaborativas possíveis para contribuir na inclusão de alunos com autismo no Ensino Superior, a partir da perspectiva da interseccionalidade? Logo, o presente estudo teve como objetivo compreender as implicações de um trabalho colaborativo entre pesquisadores e alunos com autismo de uma universidade do nordeste, a partir da perspectiva da interseccionalidade.

## 2 METODOLOGIA

A ideia desse trabalho colaborativo no âmbito do contexto da inclusão de alunos com autismo no Ensino Superior foi desenvolvida com base no aporte teórico-metodológico da pesquisa-ação colaborativo-crítica. A pesquisa-ação tem seu sustentáculo em um processo de reflexão e transformação diante de uma problemática social, que implica tanto no envolvimento dos participantes da pesquisa quanto dos próprios pesquisadores (Barbier, 2007).

Tendo em vista os aspectos constituidores deste estudo, recorreremos à pesquisa-ação colaborativo-crítica como dispositivo crítico e reflexivo, em um processo emancipatório (Jesus; Vieira; Effen, 2014). Portanto, esse aporte teórico-metodológico é de suma importância para esta pesquisa, já que buscamos sustentar este trabalho colaborativo a partir de uma perspectiva dialógica, permeado por uma escuta sensível (Barbier, 2007), trocas e práticas colaborativas entre todos.

Os participantes deste estudo foram 15 (quinze) alunos com autismo matriculados em cursos da graduação ou da pós-graduação da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Todos participaram da pesquisa mediante a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Participaram também, conjuntamente, 7 (sete) pesquisadores do Grupo de Estudos e Pesquisa em Linguagem e Comunicação Alternativa da UFS, o GEPELC.

O GEPELC é composto por diversos alunos de graduação, e alunos da Pós-Graduação em Educação, tanto de mestrado quanto de doutorado. Nos projetos de pesquisa desenvolvidos, o grupo tem como base epistemológica-metodológica a pesquisa-ação. O trabalho colaborativo é uma premissa das pesquisas desenvolvidas pelo GEPELC, permeada pelo desejo da coletividade.

Os dados analisados correspondem ao período entre março de 2023 e março de 2024. Nesse período, formamos um grupo de colaboração, constituído pelos alunos com autismo e os pesquisadores. Realizamos 14 (quatorze) encontros coletivos presenciais, realizados na própria universidade. Cada encontro teve

duração de cerca de 90 (noventa) minutos. Foram confeccionados relatórios descritivo-analíticos, os quais esses dados foram analisados qualitativamente.

Para este estudo, tivemos como foco nessa análise dos dados os aspectos em relação aos processos de escuta, diálogo e colaboração entre os participantes do grupo, tanto os alunos com autismo quanto os pesquisadores. Junto a isso, buscamos discutir de que maneiras esses processos do grupo de colaboração reverberavam na comunidade acadêmica de nossa universidade, principalmente em relação aos recortes sociais de classe social, raça, etnia, gênero e sexualidade, a partir da perspectiva da interseccionalidade.

### **3 RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Com a realização da pesquisa, no decorrer dos encontros do grupo formado por pesquisadores e alunos com autismo da universidade, discutimos sobre diversas questões referentes aos processos de inclusão na instituição.

Identificamos muitos aspectos relacionados aos alunos com autismo, na maior parte das vezes negligenciados em suas trajetórias escolares, que continuam a enfrentar diversos desafios no âmbito do Ensino Superior (Silva; Camargo; Givigi, 2024). As dificuldades dessas pessoas, por serem muitas vezes tão particulares de acordo com as vivências cada um, ainda são muitas vezes invisibilizadas devido à não haver uma estrutura de acompanhamento para esse público, diferentemente por exemplo, dos surdos, cegos, pessoas com deficiência física, dentre outros, corroborando com o estudo desenvolvido por Santos et al. (2020).

Além disso, existia uma falta de conhecimento da comunidade acadêmica em relação a essas pessoas, desde os aspectos pedagógicos aos sociocomunicativos, o que influenciava nas dificuldades que elas precisavam enfrentar em sua rotina na universidade. Tais questões também são relatadas em outros estudos, a exemplo de Almeida (2020).

Ao tomarmos como base a perspectiva da interseccionalidade, os embates sobre a inclusão educacional das pessoas autistas se evidenciam ainda mais, com a necessidade de uma inclusão que envolva para além da deficiência, as questões classe social, raça, etnia, gênero e sexualidade. Nesse contexto, os desafios são ainda mais difíceis para aqueles que fazem parte de outros grupos sociais marginalizados pela sociedade (Freitas; Santos, 2021).

O grupo formado a partir do trabalho colaborativo era bastante heterogêneo. Pessoas negras, brancas, indígenas, homens, mulheres, pessoas não-binárias, heterossexuais, LGBTQIAPN+, vulneráveis e não vulneráveis socioeconomicamente. Muitos faziam parte de vários recortes, o que refletia em

vivências marcadas por preconceitos, além do próprio autismo, devido à construção de diversos estigmas em relação a essas pessoas (Freitas; Santos, 2021).

A dificuldade em estabelecer diálogo com professores e colegas e a falta de compreensão da comunidade acadêmica em relação ao autismo eram fatores muito presentes nos relatos dos alunos. Essas situações refletiam no processo histórico construído ao longo de todos esses anos em relação ao processo de escolarização de pessoas com deficiência, pessoas com autismo ou outras condições. Dentro desse contexto, a interseccionalidade nos auxilia na compreensão desses processos construídos e tão presentes em nossa sociedade.

Diante do processo de escolarização, nas instituições educacionais, Horta, Saraiva e Torres (2023, p. 58), “[...] a questão interseccional possibilita compreender e pensar como os sistemas de opressões acumulam forças dentro da busca de uma idealização sobre aqueles que não fazem parte de um corpo idealizado”.

O grupo de colaboração constituído pelos alunos e alunas com autismo e pesquisadores se tornou um espaço de acolhimento e protagonismo autista. A partir da escuta sensível (Barbier, 2007) e mediação dos pesquisadores, em suas diversidades, os alunos participantes conseguiam se apoiar e discutir os desafios e as soluções para o dia a dia da universidade. Nesse sentido, o reconhecimento entre os pares foi um ponto fundamental ao longo desse processo, pois, apesar do grupo ser bastante heterogêneo no espectro, em seus níveis de suporte, dificuldades, potencialidades, bem como no gênero, na classe social, raça, etnia e sexualidade, seus participantes se compreendiam em suas diferentes realidades.

Ao decorrer da realização dos encontros do grupo de colaboração, também foram realizados trabalhos colaborativos com a própria comunidade acadêmica da instituição, incluindo coordenadores de curso, professores e alunos, especialmente de alunos participantes que necessitavam de um suporte mais direto. O trabalho colaborativo com esses agentes foi um dispositivo muito importante para fomentar processos de inclusão, seja nos processos de ensino e aprendizagem, como também nos aspectos sociais, corroborando com o estudo de Melo, Constant e Ferreira (2023). Além disso, mantivemos o diálogo constante com a Pró-Reitoria de Graduação da universidade, bem como com a Divisão de Ações Inclusivas.

Para além disso, a realização dos encontros contribuiu para a formação dos pesquisadores envolvidos em relação às práticas colaborativas e à compreensão do autismo na vida adulta. A pesquisa-ação colaborativo-crítica, tendo como premissa uma abordagem de construção coletiva e dialógica de pesquisa, permeada pelos processos de colaboração, participação e escuta, possibilita o desencadeamento de transformações das pessoas envolvidas (Jaconi; França;

Almeida, 2023).

Desse modo, foi notório que através da comunicação, diálogo e discussão entre o grupo formado pelos alunos com autismo e pelos pesquisadores foram disparadas mudanças sociais no contexto da inclusão no Ensino Superior. Foram muitas as reflexões acerca dos processos e políticas de inclusão dentro da instituição, reverberando nos desafios e possibilidades de novas práticas a serem realizadas dentro desse cenário. Por fim, conseguimos compreender as relações da vida cotidiana dos alunos com autismo, articulando os processos de inclusão e intersubjetividade.

#### **4 CONCLUSÃO**

Este estudo contribuiu para a compreensão dos processos de inclusão no contexto do autismo no Ensino Superior. A inovação dessa pesquisa se constituiu com a implementação do grupo de colaboração dentro da Universidade Federal de Sergipe. Desse modo, através do grupo e do trabalho colaborativo, foi possível conhecer as lacunas existentes na efetivação da permanência de alunos com autismo na universidade em que a pesquisa foi realizada, e efetivar práticas colaborativas que contribuíssem com a mudança desse cenário. Dessa maneira, foi possível permear não só as vivências dos alunos com autismo, mas também a formação de pessoas como corresponsáveis de uma educação: professores, coordenadores de curso, colegas de turma, e demais pessoas participantes da comunidade acadêmica.

Por fim, ao longo dos últimos anos, acompanhamos muitas discussões sobre as políticas de Educação Especial e Inclusiva vigentes no Brasil. Logo, a importância deste estudo constitui em se pensar novas políticas públicas a serem instituídas nas universidades brasileiras e demais instituições de Ensino Superior, bem como a formação de toda a comunidade acadêmica que faz parte dele. A partir das próprias singularidades do espectro e da necessidade de apoio em todos os níveis de suporte, mas também a partir dos recortes sociais que fazem parte, especialmente as mulheres, os/as negros/as, LGBTQIAPN+, e de baixa renda, através do olhar da interseccionalidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Autismo. Ensino Superior. Interseccionalidade. Trabalho colaborativo.

#### **REFERÊNCIAS**

ALMEIDA, Priscilla Regina Barbosa de. **Inclusão no ensino superior: percepções de uma estudante com Transtorno do Espectro do Autismo em universidade pública paraibana**. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Centro de Educação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2020.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (APA). **DSM-5: Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**. Artmed Editora, 2014.

BARBIER, René. **A pesquisa-ação**. Brasília: Líber, 2007.

BRASIL, **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva Inclusiva**. MEC. SEESP. Brasília, 2008.

BRASIL. **Lei nº 13.409, de 28 de dezembro de 2016**. Altera a Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012, para dispor sobre a reserva de vagas para pessoas com deficiência nos cursos técnico de nível médio e superior das instituições federais de ensino. Casa Civil, Brasília, 2016.

CRUZ, Cibele Furtado da; SANTOS, Raquel Larson dos; SILVA, Rita de Fátima. Inclusão da pessoa com Transtorno do Espectro Autista no Ensino Superior: uma breve revisão da literatura. **Revista Diálogos Interdisciplinares**, v. 2, n. 12, p. 61-74, 2023.

FREITAS, Marcos Cezar de; SANTOS, Larissa Xavier dos. Interseccionalidades e a educação especial na perspectiva da educação inclusiva. **Cadernos de Pesquisa**, v. 51, p. 1-19, 2021.

HORTA, Ícaro Belém; SARAIVA, Ana Maria Alves; TORRES, Josiane Pereira. A EMERGÊNCIA DA INTERSECCIONALIDADE NOS DEBATES SOBRE DEFICIÊNCIA: Contribuições de pensamentos decoloniais latino-americanos. **Revista Relicário**, v. 10, n. 19, p. 52-69, 2023.

JACONI, K. M. F. R.; FRANÇA, B. R. B.; ALMEIDA, M. L. A pesquisa-ação colaborativo-crítica como metodologia: um estudo de caso a partir de um grupo de pesquisa. **Logeion: Filosofia da Informação**, Rio de Janeiro, RJ, v. 10, n. esp2, p. 175–183, 2023.

JESUS, Denise Meyrelles de; VIEIRA, Alexandro Braga; EFFGEN, Ariadna Pereira Siqueira. Pesquisa-ação colaborativo-crítica: em busca de uma epistemologia. **Educação & Realidade**, v. 39, p. 771-788, 2014.

LAPLANE, A. L. F. Confrontando a norma: modos de participação de crianças com Transtorno do Espectro do Autismo na escola. **Horizontes**, [S. l.], v. 36, n. 3, p. 111–120, 2018.

MELO, Sandra Cordeiro de; CONSTANT, Elaine; FERREIRA, Adriana Teixeira. Acesso e permanência de pessoas com autismo no ensino superior. **Revista Teias**, v. 24, n. 73, p. 112-128, 2023.

SANTOS, Wellington Farias et al. A Inclusão da Pessoa com Autismo no Ensino Superior. **Revista Entreideias: educação, cultura e sociedade**, v. 9, n. 3, p. 51-66. 2020.

SARMET, Yvanna Aires Gadelha; FARIA, Júlia Valle de; SILVA, Guilherme Queiroz da; OLIVEIRA, Nina Puglia. Criação de um núcleo de atendimento à comunidade

autista e neurodiversa na Universidade de Brasília: relato de experiência. **Participação**, v. 21, n. 37, p. 100-113, 2022.

SILVA, Giovanna Santos da; CAMARGO, Erica Daiane Ferreira; GIVIGI, Rosana Carla do Nascimento. Desafios na trajetória escolar de jovens e adultos autistas do ensino superior. **Pró-Discente**, v. 31, n. 1, p. 1-20, 2024.